

Uma análise da ruptura no processo de identidade linguística, do alemão ao português na comunidade luterana de Imbituva/PR

Cristiele Pedroso de Almeida

Aluna especial do Programa de Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná.

E-mail: crisfofa39@hotmail.com

Resumo: A identidade se configura especialmente como instrumento de poder. Em muitos casos, podemos observar o domínio de um grupo sobre outros por meio da imposição linguística. Muitas vezes, as escolas podem se configurar como mantenedora ou modificadora dessa imposição, visto que, com frequência, são influenciadas pelos discursos hegemônicos políticos da sociedade. Em Imbituva/PR não foi diferente, pois eles trouxeram sua língua (alemã) e os costumes de sua terra natal para a igreja e a escola étnica da comunidade, mas, devido à Segunda Guerra Mundial, viram-se obrigados a aderir à língua portuguesa. Este trabalho reflete sobre as identidades linguísticas dos membros dessa comunidade étnico-religiosa (luterana), buscando observar como os usos e a proibição da língua alemã e a obrigatoriedade da língua portuguesa constroem as identidades linguísticas dos sujeitos. Focalizando a questão de identidade na fala dos membros e as práticas de letramentos (pesquisa etnográfica), um dos objetivos deste trabalho é discutir a imposição da língua portuguesa e o lugar da língua alemã no grupo em análise.

Palavras-chave: Identidade. Política linguística. Sociolinguística. Prática de letramento.

Abstract: The identity is configured especially as an instrument of power. In many cases, we can observe the dominance of one group over others through language imposition. Often, schools can be configured as sponsor or modifying such a charge, as are often influenced by political hegemonic discourses of society. In Imbituva / PR was no different, as they brought their language (German) and customs of their homeland to the church and ethnic community school, but due to World War II, were forced to join the Portuguese language . This work to reflect on the linguistic identities of the members of this ethnic-religious community (Lutheran), seeking to observe how the uses and the prohibition of the German language and the requirement of Portuguese build the linguistic identities of the subjects. Focusing on the question of identity in the speech of members and literacies practices (ethnographic research), one of the goals of this paper is to discuss the imposition of the Portuguese language and the place of the German language in the the group in question.

Keywords: identity; language policy; sociolinguistics; practice of literacy.

1 Introdução

A identidade de um povo está vinculada a sua língua de origem, de modo que a língua não é apenas um meio de transmitir informações, mas também instrumento de poder. Sendo assim, o homem luta pelo direito de falar, ser entendido e, o mais importante, ter voz, e isso pode ser entendido como uma demonstração de poder.

Em muitos casos, podemos observar o domínio de uma classe social sobre outras por meio da imposição linguística. E ainda podemos perceber as escolas como instituições mantenedora ou modificadora dessa imposição, visto que muitas vezes são influenciadas pelos discursos políticos da sociedade.

Além da dinâmica presente nesse processo, devemos considerar que a imposição linguística contribui para o fortalecimento do preconceito entorno da língua e, em âmbito escolar, isso impossibilitando o discente em falar a variedade de origem, desprivilegiando sua origem e sua cultura.

Direcionando o foco para o trabalho em pauta, é relevante pontuar que a presente pesquisa foi construída após uma análise da comunidade luterana de Imbituva, pois os imigrantes alemães trouxeram sua língua e os costumes de sua terra natal para a igreja e a escola, mas, devido à Segunda Guerra Mundial, viram-se obrigados a aderir à língua nacional, pressionados pelos interesses políticos que estavam velados em torno da guerra, entre eles merece destaque a questão do fortalecimento nacional e das afirmações de identidades.

Em relação a identidades, partindo do pressuposto de Coracinni (2007, p. 49): “ora, sabemos que a identidade pode ser imposta, resultar de uma relação de poder”, essa imposição resulta de um ato político intencionado e de poder de uma determinada classe dominante.

Desse modo, este artigo busca explorar e discutir questões sobre a imposição da língua portuguesa sobre a alemã na comunidade Luterana de Imbituva – PR. Para isso, faremos uma retrospectiva sobre a cultura, origem e fundação dessa comunidade, considerando os aspectos da sua identidade.

Segundo Henning Luther (*apud* JUNG, 2004, p. 16-20),

a identidade é, ao mesmo tempo, um fragmento do passado e do futuro. Como fragmento do passado, a identidade é um pedaço daquilo que se viveu e experimentou. O imigrante não é mais a mesma pessoa que abandonou a terra natal e se embrenhou num novo lugar, ele é apenas uma parte daquilo que ele foi outrora. Mas também não é algo completamente diferente. Ele traz na trajetória da sua vida aquilo que foi. Simultaneamente, cada pessoa é um fragmento daquilo que virá a ser. Somos um projeto do amanhã; um fragmento de futuro já se faz presente em nós, pois amanhã não seremos mais os mesmos de hoje, mas também não seremos alguém completamente diferente.

Nesse sentido, a identidade não é algo que está pronto, mas é um processo que se constrói durante uma vida toda. A formação das identidades não se cessa sobre constantes mudanças.

Para entender sobre a (des)construção dessa comunidade específica, devemos considerar o fato de que a língua portuguesa foi dominante e, portanto, imposta, talvez até de forma intensa e brutal, já que as origens, a cultura e as identidades alemãs foram devastadas pela apropriação da Língua Portuguesa e, com isso, a comunidade Luterana sofreu com o processo de transição linguística.

Outro conceito a ser compreendido é o das práticas de letramento, que se definem como

modos culturais gerais de utilização da linguagem escrita que as pessoas estabelecem em suas vidas. No sentido mais simples, práticas de letramento são o que as pessoas fazem com o letramento. No entanto, práticas não são unidades de comportamento observáveis, já que elas também envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais (BARTON; HAMILTON, 1998, p. 6; tradução nossa).

De modo que as práticas de letramento envolvem os sujeitos a serem participantes de práticas sociais em que a escrita está presente. Signorini afirma que

estamos compreendendo as práticas de letramento como o conjunto de ações e atividades orientadas para a interação social, que envolvem o uso de leitura e da escrita e que integram a dinâmica da vida cotidiana dos indivíduos e dos grupos de uma dada comunidade, ou de diferentes comunidades (2001, p. 124).

Portanto, tais práticas podem ser compreendidas como ações/atividades de linguagem do cotidiano dos indivíduos, que são realizadas por e entre indivíduos nas diferentes comunidade e grupos sociais.

2 Pressupostos Teóricos

Parte-se da visão de que a política linguística envolve uma vasta gama de atividades, que são desde as políticas do local, pois envolve o uso de língua, até as políticas constituídas pelos domínios governamentais. Tendo em vista um olhar político, a solidificação de língua como diferenciada e distinta das outras era uma questão de suma importância, pois estava relacionada à sobrevivência dos povos, definidos geopoliticamente.

Para Calvet (2007, p. 145), “concebe a política linguística como o conjunto das escolhas conscientes efetuadas no domínio das relações entre línguas e vida social, e mais particularmente entre língua e vida nacional”.

Com a definição de política linguística, podemos considerar que o próximo passo é a procura dos meios para a aplicação dessas políticas. Nesse sentido, a escola se coloca como uma instituição responsável por ensinar a língua eleita como padrão para a comunidade.

Independente de língua predominante ou minoritária, é importante pensar em língua como a representação de culturas e, também, que é construída enquanto elemento de comunicação individual que se repercute em âmbito nacional.

Para Oliveira,

a imagem do país que fala somente português, e de que o português brasileiro 'não tem dialetos' é consequência da intervenção do estado e da ideologia 'unidade nacional' que, desde sempre, com diferentes premissas e em diferentes formatos, conduziram as nações culturais no Brasil. (2003, p. 08)

O poder sempre tem preferência a cada língua, mas não adianta uma política que não se usa. E a escola é que, em muitos casos, introduz uma língua, obviamente ao escolher uma língua e não outra pode haver um conflito, imposição gera conflito e, com isso, desfiguram-se as origens, as culturas, pois, a partir do momento que não se pode usar a língua que o define, some a voz de um povo.

O uso da língua é um reflexo da situação subordinada que os sujeitos estão sofrendo, juntamente com a escolarização. A língua é o espelho da história social a que a nação está submetida. Essa relação de língua e política é antiga, visto que a língua não escapa da política, pois tem uma dimensão ideológica como símbolo, elemento definidor de uma nação. Podemos perceber a imposição de uma língua por meio da mudança de identidade que o indivíduo pode estar submetido, uma vez que a comunidade minoritária deixa seus usos linguísticos, cultura e ensino da língua materna para a língua com maior prestígio.

A identidade linguística ainda é vista por muitos como algo permanente, fixo. Mas a identidade é um "processo móvel", transformada continuamente, muitas vezes envolvendo o contexto em que o indivíduo está inserido e os sistemas culturais que os rodeiam.

Segundo Hall, a identidade

é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (1990, p. 12)

Através dos anos, da imigração e de diversos fatores, a identidade de um sujeito sofre significativas mudanças, temos inúmeras identidades dentro de um sujeito, e, dependendo do ambiente em que está inserido, apresenta características disso.

Para Rajagopalan,

a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo. Colocando essa tese na sua formulação mais radical: falar de identidade; seja do indivíduo falante seja da língua isolada, é recorrer a uma ficção conveniente [...] (1998, p. 41-42)

Não há somente uma identidade que nos acompanha até a morte. Somos portadores de constantes mudanças, de evoluções. Ou seja, a concepção enunciada vai contra uma identidade verdadeira, pura. A identidade está ligada a movimentos sociais.

Dagmar Meyer (2000), ao datar a formação de identidade do Rio Grande do Sul, afirma que esta começa já antes da chegada dos imigrantes à nova terra, ela começa no momento em que eles são confrontados com a "necessidade/obrigação/desejo/disponibilidade" de emigrarem.

Nesse sentido, evidencia-se que a formação dessa identidade é um processo que marcará de alguma forma a organização dessas pessoas em comunidades. Esse processo acarretou o contato com outros grupos sociais. Se, por um lado, isso levou o preparo associativo em alguns casos; por outro lado, ocasionou a formação de novas afrontas e de novas identificações.

Outro aspecto referente à identidade é a pluralidade, que tem consequências no processo de formação. Segundo Hall, "as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela." É sempre no contato com o outro, com o diferente, com o não-ser, que o ser pode encontrar ou construir a sua identidade" (2000, p. 110).

Em relação a isso, as nossas experiências com o que não é habitual é que vão nos dar novos pontos de vista. O contato com outras pessoas, com a cultura fará de nós portadores de uma nova identidade, em que se criam outros conceitos e reavaliam antigos. Portanto, os indivíduos podem cooperar uns com os outros em situações diversas, comunitárias, sem estar conscientes das características do seu grupo.

3 Comunidade luterana: política linguística e identidade

O município de Imbituva está situado na região dos Campos Gerais no estado do Paraná. Assim como grande parte das regiões paranaenses, essa cidade recebeu grande número de imigrantes oriundos de diversos países e regiões. De acordo com Stadler,

os retirantes da década de oitenta fixaram-se em outras regiões do Estado, muitos deles no município de Imbituva. [...] Os colonos alemães fixaram residência na direção da estrada que mais tarde ligaria Imbituva a Guarapuava. Ao todo eram 50 famílias mais ou menos. (2003, p. 54)

A comunidade Evangélica Luterana se originou no ano de 1886, quando oficialmente nossa comunidade era chamada "Vila de Santo Antônio de Imbituva" e vulgarmente "Cupim". Nos anos seguintes, surgiram algumas famílias vindas das colônias alemãs.

No ano de 1893, construíram uma grande capela de alvenaria, que serviu como escola até 1979, escola esta que foi fundada em 1895, pelo Pastor Johannes Dehmlov, que também era professor, e foi o primeiro pastor residente na cidade. Inicialmente, a escola se chamava "Evangelisch-Lutherische Gemeindeschule" que, traduzido para o português, significa "Escola da Comunidade Evangélica Luterana" ou "Escola

Paroquial Evangélica Luterana”, mantida pela Associação Educacional e Beneficente Ressurreição, sendo o Estabelecimento de Ensino mais antigo da cidade.

Havia um fluxo muito grande de imigrantes na cidade, de todas as raças, era natural conservar os costumes e a língua natal. Com os alemães aconteceu o mesmo, pois trouxeram junto com eles a sua escola e igreja, não apenas seus nomes eram alemães, mas o ministrar do culto e as aulas na escola eram em alemão, que era a língua que melhor e mais tinham entendimento.

De acordo com Stadler,

por causa da Guerra, os alemães passaram a ser perseguidos e os papéis da paróquia foram quase todos extraviados. A língua russo-alemã foi proibida na época, a Igreja fechada e o pastor Adolph Bachimont, desde 1938 em Imbituva, teve que deixar a Comunidade. [...] Quase todos os documentos da Igreja sumiram. (2003, p. 93)

Nessa época, a língua alemã sofria perseguição e o Colégio teve suas portas fechadas por soldados (exército e polícia); livros e todos os registros foram queimados. O pastor da igreja foi preso e a escola recebeu orientação que somente poderia reabrir suas portas com o ensino em Língua Portuguesa. Dessa maneira, a Comunidade sentiu-se obrigada a aprender o Português. Mesmo usando material didático, muitas vezes, os professores explicavam e dialogavam em Alemão, pois os alunos e até os próprios docentes não tinham total fluência do Português. No ano de 1959, sob a direção do professor Lothar Ricardo Mundel, a licença para o funcionamento, ficando registrada sob o n.º 119, passou a se chamar “Rui Barbosa”, nome escolhido para evitar novas perseguições.

O colégio Rui Barbosa funcionou no mesmo prédio desde sua fundação (1978). Nessa escola não havia distinção religiosa ou restrição a alunos matriculados que não fossem luteranos.

Tais informações a respeito da origem e cultura da comunidade, grupo que precisou adaptar-se ao longo de sua história, são relevantes para o entendimento da maneira como os alemães que residiam em Imbituva tiveram a sua identidade transformada, pois foram estabelecidas no sentido de sobreposição a língua e cultura brasileira sobre a cultura alemã.

4 Materiais e métodos

A metodologia utilizada para a realização do presente estudo teve como sujeitos de análise membros da comunidade Luterana do município de Imbituva/PR. Como amparo metodológico, foram analisados dados embasados em pesquisas qualitativas que, conforme Gil (1999), visam proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo. A metodologia citada foi pensada devido à limitação de acesso a determinados documentos que retratavam o histórico sociolinguístico da comunidade alemã analisada.

O estudo em pauta situa-se na área de identidade e imposição linguística. A primeira etapa da pesquisa teve como foco os textos bibliográficos sobre o assunto, para poder contextualizar com a temática em questão. A segunda etapa foram as

entrevistas semiestruturadas com descendentes de alemães que em algum momento de suas existências tiveram algum vínculo com a comunidade local analisada e, com isso, a investigação na comunidade, observando os usos linguísticos, para analisar a questão de identidade na fala, dos membros e as práticas de letramentos (pesquisa etnográfica).

Desse modo, as entrevistas foram realizadas com base nos pressupostos metodológicos de Triviños (1987), para o qual a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam origem a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes, pois Triviños contribuiu a compreensão do significado, sentido e utilização das entrevistas.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa foram observações e entrevistas. Foram também feitas investigações em jornais, revistas. Depoimentos de antigos moradores ou familiares de Imbituva/PR foram obtidos pelas entrevistas semiestruturadas. O uso desse método permitiu: 1) possibilidade de cancelamento e/ou interrupção da entrevista, sendo a mesma retomada em outro momento (isso devido a idade do(s) informante(s) e dificuldade de expressar(em) com precisão os dados necessários); 2) retorno a questionamentos que não tiveram um resultado suficiente por desviar em relatos não necessários para a pesquisa.

As entrevistas foram agendadas anteriormente, com questões abertas, previamente planejadas, mas deixando o entrevistado à vontade para comentar questões que julgasse do seu interesse, sem tempo cronometrado.

As análises voltadas para questões de identidade terão como auxílio cognitivo o referencial teórico de Hall (1990). O autor comenta que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos e que a identidade unificada é uma fantasia.

Outra questão a ser investigada é referente à língua enquanto território nacional (Oliveira, 2003), pois o autor considera que a imagem do país é que se fala somente português e que a consequência é da intervenção do estado e da ideologia.

Em relação à língua alemã que caiu em desuso em virtude da implementação do Português, abordaremos a autora Stadler (2003), entre outros autores que mencionam o poder público como autor da imposição e da opressão de uma língua.

5 Resultados

Com a pesquisa, há a possibilidade de ver a complexidade, pois o conflito chegou-se a tanto que a comunidade deixou a sua cultura e origem para a aquisição de uma nova. Isso pode ser constatado a partir dos depoimentos com descendentes das pessoas de origem alemã e pessoas que pesquisaram a história da época, de tal maneira que a conclusão é que havia uma língua de origem alemã, que esta era forte e falada por grande número de habitantes, visto que o ensino na comunidade Luterana era realizado por meio da língua alemã e que a escola era composta de 100% de russos-alemães. Entretanto, a imposição fez essa comunidade afastar-se de seus valores e origem, após a transição para a identidade brasileira. A partir de dados obtidos, pudemos perceber que, de uma forma clara, ocorreu a implementação de uma política linguística, uma vez que houve a obrigatoriedade pelo uso de uma língua, através do fechamento de um colégio e prisão de pastores de origem alemã, fazendo com que a

população fosse obrigada a seguir as regras ditadas para o uso da língua portuguesa. Com isso, vemos a relação da política linguística e o ensino da língua, uma vez que o fechamento da escola teve ligação direta com o processo educativo das crianças, pois o ensino foi alterado para o Português no colégio em questão e a relação com a política linguística é diretamente relacionada à nação e ao território que se encontra. Nesse caso, pode-se perceber a imposição da Língua portuguesa, o que desencadeou a transformação dos comportamentos linguísticos da população, criando uma outra identidade nacional, com os reflexos dos interesses da Segunda Guerra Mundial.

Há a possibilidade de que o governo possa propor políticas de valorização das diversas variedades linguísticas, de modo que o indivíduo busque suas origens e cultura. Podemos citar a escola pesquisada (Comunidade Luterana) como um ensino que estava dando certo e tendo resultados significativos referentes à sua cultura.

Segundo entrevista fornecida pela atual direção, a cada ano o número de descendentes alemães, que têm conhecimentos e usos linguísticos alemães, é menor. A direção ainda mencionou que esse fato pode ter ocorrido devido ao pouco interesse dos pais em ensinar seus filhos pequenos sobre suas origens, uma vez que a língua caiu em desuso, sendo que o aluno/filho já tem que se preocupar com a língua estrangeira moderna Inglês que o colégio optou como segunda língua.

Atualmente, a instituição continua na ativa, mas com caráter diferente do proposto inicialmente, pois a língua alemã não é o elemento foco, sendo substituído pelo ensino total de português. Partindo dessas considerações, pode-se observar que houve um enfraquecimento hereditário, e isso faz com que se acredite que está relacionada à questão política e econômica e ao fortalecimento de nacionalidade, tendo em vista, a partir dos depoimentos, que a escola e membros não lutaram contra essa imposição, que não eram participativos em ações sociais, sendo usado o medo e a falta de conhecimento em busca dos seus direitos.

Uma das entrevistadas, quando questionada sobre letramentos, pediu uma breve explicação e disse:

naquela época nem existia isso, eu pelo menos não sabia. Como você explicou então, nós só usávamos códigos, fomos alfabetizados, reproduzíamos exatamente o que aprendíamos na escola, em momento algum exercemos papéis sociais em eventos do nosso interesse, como a fechamento da escola e da igreja, não sabíamos que poderíamos lutar e contrariar achamos que, simplesmente tínhamos que aceitar aquilo que estava acontecendo. (Senhora entrevistada)

A partir dessa entrevista, percebemos que os integrantes dessa comunidade não foram apoiados, incentivados e orientados a buscar seus direitos. Podemos apontar a falta de participação e inserção no processo de imposição da língua, a falta de práticas sociais nas famílias e nos grupos.

6 Considerações finais

A imposição linguística gera situações de conflitos. Pudemos observar que a imposição é sempre um objeto de disputas políticas, visto que a classe desprivilegiada sofre com esses acontecimentos.

A situação da identidade nunca significou ou se caracterizou como estagnada, ela passa por processos transformadores. O poder público tem um poder significativo sobre as identidades, tornando-as, muitas vezes, mais fixas, mais políticas, unificadas, produzindo nova posição de identificação.

Na pesquisa em questão, houve a imigração de identidade, com isso, muitos valores e culturas foram abolidos, desprivilegiando o conhecimento do seu povo alemão. Muitas pessoas conseguem observar a mudança de identidade e imposição da língua usada durante os anos da Segunda Guerra Mundial, embora muitas pessoas que passaram por esse processo de (des)construção não se permitam refletir amplamente sobre esse assunto, definindo como algo conflituoso, mas que ainda trouxe uma nova língua, esquecendo a forma evidente e intencional da verdadeira razão política e democrática do poder em impor uma identidade e maneira de ensino. A língua não é um mecanismo natural, há uma motivação social/política interferindo nesse processo.

A partir desta pesquisa, pudemos perceber que a identidade linguística alemã passou por um processo de (des)construção, pois não somente a língua, mas também as culturas tiveram um enfraquecimento ao se transmitir para os descendentes, e isso faz com que se acredite que está relacionada à questão política, econômica e fortalecimento de nacionalidade. Por meio das entrevistas, chegou-se à conclusão de que os pais não continuaram ensinando seus filhos de acordo com a cultura alemã, e afirmaram que não havia motivação, pois o ensino escolar era em Língua Portuguesa. A partir da busca de dados, revistas, documentos escolares, pode-se observar que houve um momento em que grande parte foi extraviada e por trás disso havia-se interesse público em esconder que havia outra cultura e ensino de língua que não fosse a brasileira, e que estava dando certo.

Para finalizar, percebeu-se ainda que práticas de letramento é um conceito que envolve uma complexidade gigantesca, de uma definição muito difícil. Mesmo assim, tentamos expor considerações acerca da questão, não tínhamos a pretensão de definir, e sim de contextualizar com o processo que houve na comunidade pesquisa, trazendo, talvez, uma explicação para o motivo de ter sido um momento sem reivindicação de direitos e diálogos sociais para que houvesse respeito pela identidade alemã que existia e se desenvolvia com grande excelência.

Referências

BARTON, D.; HAMILTON, M. *Local literacies: reading and writing in one community*, London: Routledge, 1998.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas lingüísticas*. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola, 2007.

CORACINI, Maria José (org.). *Identidade e discurso*. Campinas/Chapecó: Ed. Da Unicamp/Argos, 2007.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (organizador); ____; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

JUNG, Jaime. "O Inferno no Paraíso", de Oswaldo Jung. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo. 118 p.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Declaração universal dos direitos linguísticos: novas perspectivas em política linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.) *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SIGNORINI, Inês (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

STADLER, Cleusi Bobato. *Imbituva uma cidade dos Campos Gerais*. Imbituva, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.